

Queria ter escrito um poema em Jerusalém | de Sandra Costa

Maio de 2009

«depois de Auschwitz, escrever um poema é bárbaro»

Theodor W. Adorno, 1949¹

Por vezes, as histórias têm um princípio e um fim. Outras vezes, delas só sabemos um dos extremos da meada. Outras ainda, percepcionámo-las existentes e nada mais conseguimos discernir. A história da minha viagem a Israel, em Agosto de 2008, para frequentar o Curso sobre o Ensino e a Memória do Holocausto, na Escola Internacional para o Estudo do Holocausto, integrada no Yad Vashem (Autoridade para a Memória dos Mártires e dos Heróis do Holocausto), em Jerusalém, parece inserir-se nessa segunda categoria de histórias: começou com uma carta de motivações mas ainda não terminou, prolongando-se nas actividades do Projecto N.O.M.E.S. (Nomes e Olhares para a Memória e Ensino da Shoah) e numa desejada viagem à Polónia judaica que trará sabe-se lá que outros prolongamentos.

Tudo começou, pois, com o poema “Fuga da Morte”² de Paul Celan e com a argumentação de que, se outros motivos não existissem, bastava este poema, que anulou o veredicto de Theodor Adorno antes mesmo dele ser proferido, para quase tudo dizer sobre as minhas motivações para frequentar o Curso sobre o Ensino e a Memória do Holocausto do Yad Vashem, em Jerusalém. Bastava este poema para dizer que, por vezes, só nos exprimimos pelo silêncio.

Mas outros motivos existiam. Eu sabia que abrir um manual de História do 9.º Ano ou do 12.º Ano, quando se começa a tentar explicar o que foi o Nazismo, que razões sustentaram o advento desta ideologia e que caminhos foram trilhados até aos campos de concentração, não chegava. Não chegava até porque alguma bibliografia extra não anulava o facto de a Licenciatura em História em nenhum momento me ter proporcionado um contacto com fontes, textos, autores que estudassem este período da História e muito menos um contacto com metodologias sobre o ensino do Holocausto. Não chegava porque não há formação contínua sobre esta temática. Não chegava porque, para “contar” esta história, a percepção que tinha era a de que era preciso ver *os túmulos cavados nos ares* e ouvir *os tons mais escuros dos violinos* e saber conjugar a emotividade inerente com a objectividade fria dos factos; era preciso encontrar formas e fórmulas que nos permitam transmitir, com lucidez, o medo, o horror, a angústia, a incerteza e a memória. Faltavam-me as fontes, faltava-

¹ No decurso de uma conferência na Universidade de Frankfurt.

² Poema escrito em 1945 e publicado em 1948.

me conhecimento, faltava-me nem que fosse apenas alguma certeza de que há caminhos para que o esquecimento não aconteça e que o silêncio é tão-só a expressão da poesia de Celan.

Depois aconteceu a viagem e o curso. O intenso encontro com Jerusalém, onde tudo parece ter começado. As religiões todas juntas, as religiões todas separadas. As especiarias, as pedras, os tecidos, os cheiros, as pessoas, o muro. Os cantares de um lado, o silêncio do outro. As armas em todo o lado. O sentimento de segurança. O taxista palestino que nos levou a Jericó. A história de um lado. A história do outro lado. Outros muros. A História. As fontes, os testemunhos, as metodologias. As perguntas sem resposta. A banalidade do mal. Os nomes das vítimas. Os rostos das vítimas. As suas histórias reflectidas na água contra o silêncio. As crianças do orfanato de Janusz Korczak que caminham cantando, de mãos dadas ao seu professor, para as câmaras de gás de Treblinka. E a dúvida que permanece – o que teria sido eu neste tempo de homens comuns transformados em monstros ou em observadores passivos?

No regresso, um sentimento estranho de querer partir e de querer voltar. A necessidade de fazer algo contra o esquecimento – o não deixar que haja um fim para um dos extremos da meada. E um lamento: queria ter escrito um poema em Jerusalém.